

O Espólio Arqueológico da Lapa do Saldanha — Pernes

JÚLIO ROQUE CARREIRA* & JOÃO LUÍS CARDOSO**

Palavras-chave, mots-clés, key words: Campaniforme; Portugal, Bell Beaker Culture.

Resumo: Neste artigo estudamos os materiais arqueológicos conservados no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, recolhidos no século XIX, por Carlos Ribeiro numa gruta em Pernes (Santarém). Trata-se de um pequeno conjunto de que nos permitimos destacar a presença de cerâmica campaniforme incisa.

Resumé: Dans cet article nous étudions les matériaux archéologiques conservés au Musée des Services Géologique du Portugal recueillis par Carlos Ribeiro au XIX^{ème} siècle dans une grotte à Pernes (Santarém). Il s'agit d'un petit ensemble dont nous citerons, spécialement, la présence de céramique campaniforme décorée par incisions.

INTRODUÇÃO

No seguimento da revisão das colecções arqueológicas conservadas no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal os signatários estudam os materiais recolhidos numa gruta natural situada na freguesia de Pernes, concelho de Santarém. A jazida é conhecida localmente por Lapa do Saldanha. Segundo a tradição ter-se-ia travado, nas proximidades, um combate entre as forças do marechal Saldanha e as tropas miguelistas, em 11 de Setembro de 1833, tendo sido derrotadas as segundas, que defendiam os moinhos do Alviela, que abasteciam de farinha a guarnição de Santarém.

De acordo com FERREIRA (1966, p. 64), quando se recolheram os materiais agora estudados, já a jazida se encontrava muito destruída. Numa das peças do espólio (fig. 1, n.º 3) conserva-se uma etiqueta onde se lê: «29.4 (18) 77 N. S. Lapas ... (ilegível) ... (Per)nes».

Daqui se conclui ter sido a gruta explorada em data não ulterior àquele ano.

LOCALIZAÇÃO E CONDIÇÕES DE JAZIDA

A cavidade situa-se 60 metros acima do rio Alviela, no topo da encosta esquerda, limitada por cor-

nija calcária (tufos quaternários de Pernes) a cerca de 400 metros da povoação. As suas coordenadas UTM são as seguintes: M = 529 9; P = 4359 7. Abre-se frente a uma grande planície constituída por depósitos aluviais, encontrando-se o actual leito do rio neles escavado.

Trata-se de um abrigo sob rocha prolongado pontualmente para o interior do maciço rochoso por uma pequena câmara com cerca de 3 metros de diâmetro e 3,4 metros de altura. A comunicação desta com o exterior é assegurada por abertura com 1,3 metros de largura máxima e 1,15 metros de altura. Nesta zona observa-se diferença de nível entre o chão actual da câmara e o chão do abrigo exterior. Este, que constituía ampla plataforma, foi sendo progressivamente diminuído por extracções continuadas de blocos de tufo calcário aparelhados, até há cerca de quinze anos. Em consequência desta laboração sobreveio abatimento parcial. Daí que a extensão actual da plataforma seja muito inferior à original (informação colhida no local, fornecida pelo Senhor Manuel Vicente dos Santos, de Pernes, em 17.09.1989). Não se evidenciam, nem nas paredes do abrigo exterior, nem

* Colaborador do Museu Nacional de Arqueologia, Praça do Império, Belém, Lisboa.

** Universidade Nova de Lisboa, Quinta da Torre — 2825 Monte da Caparica.

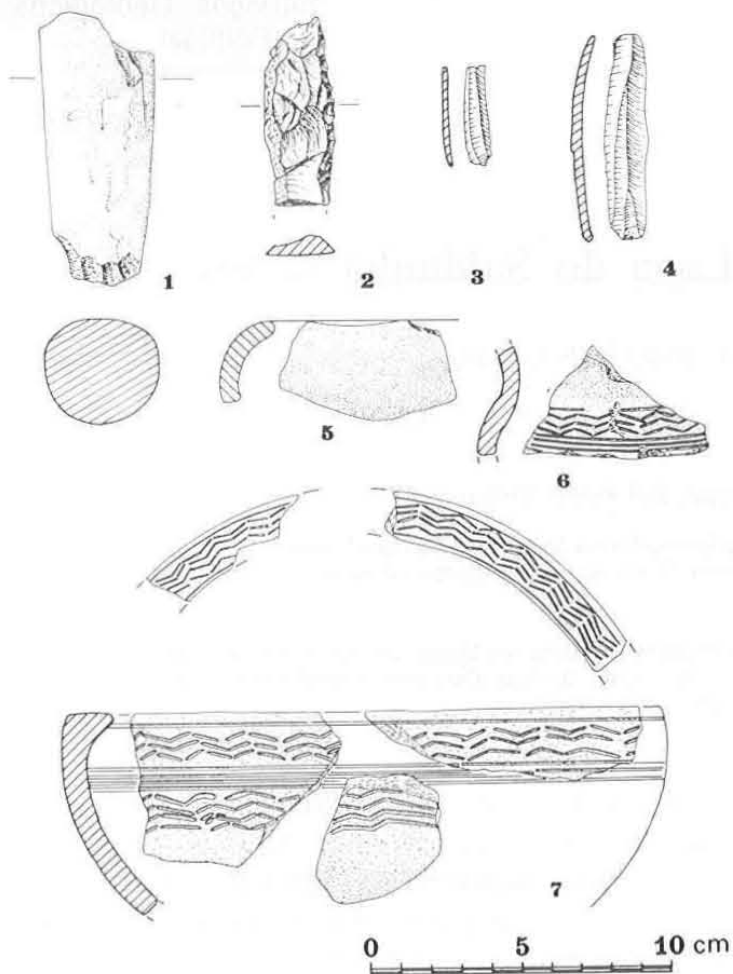


Fig. 1:

1. Fragmento de machado de secção subcircular.
2. Lâmina denticulada.
3. Lamela de sílex.
4. Lamela de sílex.
5. Bordo de vaso globular.
6. Fragmento de caçoila de ombro campaniforme com decoração incisa.
7. Taça campaniforme incisa.

nas da cavidade aludida vestígios de afeiçoamento que sugiram escavação artificial; mesmo admitindo a não conservação de tais vestígios por ser o tufo rocha friável e desagregável, a não aceitação da hipótese de gruta artificial encontrar-se-ia reforçada pelo facto da geometria de conjunto não se inserir na das formas, muito particulares, daqueles monumentos. Na figura 2 apresenta-se panorâmica de frente da escarpa actual onde se abre a gruta.

INVENTÁRIO DO ESPÓLIO

FERREIRA (1966, p. 64) apresenta lista que não foi totalmente confirmada no nosso inventário. Com

efeito, há um fragmento cerâmico sem numeração de série —ao contrário do que sucede com o resto do espólio da jazida— exibindo semelhanças notórias com outros, do Algar de João Ramos, Turquel (Alcobaça), conservados em tabuleiro vizinho. Em definitivo, os materiais reportados à jazida e conservados no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, são os seguintes:

INDÚSTRIA LÍTICA

- Fragmento de machado de rocha anfibólica, parcialmente polido, de secção subcircular, fracturado em ambas as extremidades (fig. 1, n.º 1);
- Lâmina retocada denticulada (fig. 1, n.º 2);
- Lamela de sílex com bolbo na base (fig. 1, n.º 3);
- Lâmina de sílex com bolbo na base (fig. 1, n.º 4);
- Quatro resíduos de talhe, de sílex.

INDÚSTRIA CERÂMICA

- Fragmento de vaso globular. Pasta de granulometria média, bem alisada, coloração acinzentada à superfície (fig. 1, n.º 5);
- Fragmento de caçoila de ombro campaniforme com decoração incisa.
O padrão decorativo apresenta linhas em zigzag encaixadas por linhas paralelas.
Possui um ligeiro ressalto na parte média, aliado a um perfil suavemente ondulado.
Pasta de coloração e características semelhantes ao exemplar anterior (fig. 1, n.º 6).
- Fragmento de taça tipo Palmela, com decoração incisa, possuindo padrão, pasta e coloração idênticos ao da forma campaniforme descrita anteriormente (fig. 1, n.º 7).

Foram referenciados restos de *Equus*, *Sus*, *Felis*, *Capra* ou *Ovis*, *Lepus* e conchas de *Helix*, de acordo com FERREIRA (ibid., p. 64).

O espólio cerâmico campaniforme foi, ulteriormente ao trabalho de FERREIRA (1966), descrito sumariamente por HARRISON (1977, p. 155), sem contudo, o figurar.

RIBEIRO, o explorador da jazida, menciona, em 1878, ser sua intenção o estudo do espólio antropo-



Fig. 2 — Vista parcial da escarpa onde se situa a gruta, cuja entrada é visível do lado esquerdo.

lógico «das grutas de Pernes» — o que significa por um lado, a provável existência de outros abrigos, entretanto destruídos pela exploração das pedreiras e, por outro a de restos humanos que se encontram no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. Esse estudo, jamais realizado, era intenção do autor constituir a sexta e última parte do seu ambicioso programa de pesquisa a que deu o título de «Estudos Pré-históricos em Portugal» (RIBEIRO, 1878).

CRONOLOGIA E CONCLUSÕES

Do espólio agora estudado podem extrair-se as seguintes conclusões:

1. A mais antiga ocupação da gruta parece remontar ao Neolítico, estando representada pelo fragmento de machado de secção circular.

2. As cerâmicas decoradas, de cronologia melhor definida, poderiam fazer parte de um típico conjunto cerâmico associado a uma inumação campaniforme, sendo a individualidade deste sugerida, sobretudo, pela utilização do mesmo padrão decorativo na caçoila de ombro e na taça.

3. A forma globular, comum nos horizontes calcolíticos, poderia, eventualmente, fazer parte de um conjunto de cerâmicas lisas associadas ao possível conjunto funerário descrito em «Localização e Condições de Jazida» e, que por vezes, acompanham as tumulações campaniformes tal como evidenciado na

gruta da Verdelha dos Ruivos (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1981).

4. Idêntica sequência pode ser observada, por via de regra, nas grutas naturais até agora identificadas na vizinha região estremenha: à ocupação neolítica sucede-se outra com cerâmicas campaniformes.

5. O conjunto campaniforme pode ser integrado, quer no Grupo Inciso, o terceiro e último da periodização proposta para o campaniforme português por SOARES & SILVA (1974-1977), quer no complexo de Palmela (HARRISON, 1977).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, O. V. (1966) — La culture du vase campaniforme au Portugal. *Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, Nova Série, 12:122 p.
- FERREIRA, O. da & LEITÃO, M. (s/d) — Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo, Edições Europa-América, Lisboa, 265 p.
- HARRISON, R. J. (1977) — The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal. *Bulletin*, American School of Prehistoric Research, Peabody Museum, Harvard University, 35:257 p.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1974-1977) — O Grupo de Palmela no Quadro da Cerâmica Campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Sér. III, VII-IX:101-112.
- RIBEIRO, C. (1878) — Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. Memória apresentada à Academia das Ciências de Lisboa, 86 p.
- ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, O. V., LEITÃO, M., NORTH, C. T. & NORTON, J. (1981) — As jóias auríferas da gruta pré-histórica da Verdelha dos Ruivos (Vialonga — Portugal). *Zephyrus*, 32-33: 113-119.